

Como citar esse artigo:

DALLAN, M. S. S. e MASCIA, M. A. A. **A escrita em sinais: uma escrita própria para a LIBRAS.** In: LINS, H. A. de M. (org.). *Experiências docentes ligadas à educação de surdos: Aspectos de formação.* Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2012.

## **A escrita em sinais: uma escrita própria para a LIBRAS<sup>1</sup>.**

*Maria Salomé Soares Dallan<sup>2</sup>  
Márcia Aparecida Amador Mascia<sup>3</sup>*

### **1. O surdo e sua escrita: pano de fundo**

A prática vivenciada como professoras, atuando com alunos surdos falantes de Libras, fez com que concordássemos com os vários pesquisadores que se debruçaram sobre o tema, afirmando que a proposta de educação bilíngue no processo de ensino-aprendizagem para alunos surdos – respeitando a Libras como primeira língua, a natural, e a língua portuguesa como segunda língua – com metodologia de ensino apropriada, é ideal e adequada para que esses sujeitos do ensino se desenvolvam e adquiram conhecimentos.

Porém, na prática, percebemos lacunas que nem a Escola para Surdos nem a Escola Regular conseguiram ainda resolver, sendo a primeira delas proficiência insuficiente na Língua Portuguesa escrita por parte do aluno surdo – se for

---

1 Este artigo contém partes da Dissertação *Análise discursiva dos estudos surdos em educação: a questão da escrita de sinais*, defendida em 24/02/2012, na USF - Universidade São Francisco, *Campus* de Itatiba - SP.

2 Mestre em Educação.

3 Doutora em Linguística Aplicada.

comparado o desempenho deste aluno ao do ouvinte/falante de língua portuguesa –, tornando aquele sujeito eternamente dependente do tradutor na mediação da comunicação escrita. Afirmamos isso porque encontramos em nossos alunos surdos todas as dificuldades escolares já apontadas por diversos estudiosos da área (BRITO, 1995; CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, FERNANDES, 2003; GÓES, 1999; GOLDFELD, 1997; QUADROS, 1997; SOUZA, 1998).

Ressaltamos que percebemos que as exigências escolares são pautadas prioritariamente pelo manejo eficiente da língua portuguesa, e que ainda faltava um *substrato psicológico*<sup>4</sup> adequado que permitisse ao aluno surdo organizar seu pensamento e expressar-se durante o momento da escrita, sem o intermédio da tradução.

Objetivando buscar alternativas de ensino que oferecessem a esses alunos oportunidades de aprendizagem mais adequadas e que respeitassem o seu potencial cognitivo, sócioafetivo, linguístico e político-cultural, mas, principalmente, que fossem compatíveis com a língua visual/espacial que utilizavam para comunicar-se e possibilitassem a implantação de um processo educacional escolar efetivamente bilíngue/bicultural, encontramos uma escrita para Línguas de Sinais criada em 1974 – a Escrita *SignWriting*.

Essa escrita visual foi desenvolvida pela norte-americana Valerie Sutton, é apropriada para grafar quaisquer

---

4 *Substrato psicológico* – uma escrita de modalidade visual que permita maior expressão criativa no momento da escrita; neste caso, uma escrita em língua de sinais, compatível com a língua natural desse sujeito. Compreendemos a importância e a necessidade do aprendizado da língua portuguesa e os estímulos que devem ser oferecidos ao aluno surdo para que ele adquira tal habilidade. Concordamos com Gesueli (1998, p. 133) quando afirma: “No ensino da criança surda, cabe ao professor incentivar o contato com materiais escritos para que ela venha a sentir necessidade do ler e escrever”. Porém, nossa preocupação estava focada na escrita da Libras, sem desconsiderar a importância da língua portuguesa escrita.

línguas de sinais, por ser visual/espacial e por respeitar os parâmetros de realização dos sinais: configuração de mãos, expressão facial e corporal, localização espacial, direcionalidade e movimento. Essa escrita proporciona acessibilidade<sup>5</sup> e condições para que o surdo falante de Libras se desvincule do processo de tradução da escrita de uma língua oral para a língua de sinais e vice-versa. A aquisição desse conhecimento embasou definitivamente a nossa prática pedagógica, desenvolvida com os alunos surdos falantes de Libras, a partir do ano de 2002.

Aqui no Brasil, alguns pesquisadores de universidades da região sul do País já vinham se mobilizando desde aproximadamente 1996 (Marianne Stumpf, Antônio Carlos da Rocha Costa, ambos da Universidade Católica de Pelotas), empenhados em repensar tecnologias de suporte para nativos da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras). Um desses estudos culminou na tradução e divulgação do manual *Lições sobre o SignWriting: Um sistema de Escrita para as Línguas de Sinais*<sup>6</sup>, que favoreceu, de certa forma, a difusão desse tipo de escrita que pode favorecer um letramento em Libras, dentro de uma perspectiva de Educação Bilíngue/Bicultural, onde as duas línguas podem ser melhor desenvolvidas, uma vez que o ambiente escolar prioriza a escrita<sup>7</sup> (BARTON e HAMILTON, 2004; KLEIMAN, 1995; ROJO, 2001 e 2009).

---

5 Acessibilidade, nesse contexto, refere-se a uma escrita de modalidade visual própria para a língua de sinais, como é o caso da escrita *Signwriting*, que visa a facilitar o acesso ao conhecimento difundido por meio escrito, através de uma escrita da Língua de Sinais, isenta do processo de tradução, tal qual ocorre com a língua portuguesa escrita.

6 Disponível *on-line* em: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>. Acesso em: jan. 2007.

7 A menos, é claro, que a escola seja “reinventada”, uma vez que, secularmente, ficou conhecida por usar a escrita como tecnologia pedagógica fundamental ao ato de aprendizagem. A alfabetização é, inclusive, avaliada a partir dos índices que medem o desenvolvimento da escrita entre as populações.

Embora os movimentos atuais em prol da educação escolar dos surdos – Política Nacional de Educação Especial<sup>8</sup> (BRASIL, 2008) e Estudos Surdos<sup>9</sup> (QUADROS, 2006) – afirmem desejar uma educação de qualidade, que contemple as especificidades educacionais e sociais das pessoas surdas – nenhum dos dois aparenta haver chegado a um denominador comum que indique que a Escrita de Sinais pode auxiliar a suprir as especificidades linguísticas do alunado com surdez. As várias propostas pedagógicas sugeridas nesses documentos indicam uma abordagem bilíngue no processo de ensino-aprendizagem, respeitando a LIBRAS como primeira língua, a natural, e a língua portuguesa como segunda língua, com metodologia de ensino adequada. Vários dos autores que compartilharam seus conhecimentos através dos Estudos Surdos abordam a Escrita de Sinais como parte da cultura surda, mas não reivindicam de forma mais incisiva uma escrita para a Libras. Em relação às políticas educacionais, o assunto sequer é trazido para a discussão (DALLAN, 2012, p. 81).

Indo ao encontro das reais necessidades da pessoa surda e respeitando a acessibilidade linguística, a Atualize<sup>10</sup>, através do Curso de Pós-Graduação *Lato-Sensu* em Libras e Educação de Surdos, inseriu em sua grade curricular o Módulo: Ensino e Aprendizagem de *SignWriting* – Escrita de Sinais, desde 2007, disciplina que ministrou até hoje no referido curso. O curso Letras-Libras, em nível de graduação,

---

8 De 2008, que substituiu a anterior, datada de 2004. A atual PNEE instituiu o Atendimento Educacional Especializado, que está sendo difundido através de cursos de formação continuada, custeados pelo Ministério da Educação, em parceria com outras instituições.

9 Coletânea de quatro volumes, publicados pela Editora Arara Azul em 2006. Esses volumes estão disponíveis para *download* no site: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/pesquisas-em-estudos-surdos/>

10 Empresa promotora de cursos em nível de Pós-Graduação *Lato Sensu*, em parceria com a Universidade Espírita de Curitiba, PR – UNIBEM – e o Centro de Ensino dos Campos Gerais – CESCAGE. Maiores informações podem ser acessadas em: <http://www.atualizeposgraduacao.com.br/index.php>

promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina, também mantém em sua grade curricular o ensino da escrita *SignWriting*. Outras pós-graduações estão surgindo em virtude da demanda por pessoas fluentes em Libras, também com a proposta de inclusão da disciplina de Escrita *SignWriting*.

Nossa finalidade neste artigo é, de forma sucinta, apresentar o que vem a ser essa escrita que está conseguindo abrir novas possibilidades para o processo de expansão das línguas de sinais, ao mesmo tempo que se mostra capaz de também contribuir no processo de letramento escolar em uma proposta bilíngue/bicultural, uma vez que tanto a língua portuguesa quanto a Libras não são línguas ágrafas<sup>11</sup>, o que será desenvolvido no próximo tópico deste artigo.

Ao escopo deste artigo também cabe um breve levantamento bibliográfico sobre o que vem sendo pesquisado sobre essa forma de escrita, que será abordado no tópico “O que se diz sobre a Escrita de Sinais – *SignWriting*?”. Pretendemos demonstrar que está havendo uma expansão significativa de pesquisas sobre essa escrita, cujo denominador é basicamente comum: aprovação e reconhecimento de que esta escrita favorece o letramento em língua de sinais, promovendo acessibilidade ao conhecimento escrito na própria língua falada pelo aluno. Encerramos o tópico com algumas considerações sobre Educação Bilíngue e como essa escrita pode favorecer um letramento em Libras

No tópico “Ensino da Escrita de Sinais para Ouvintes”, apresentaremos nossa experiência de ensino do código

---

11 Temos visto alguns autores considerando a Libras como “ágrafa”. Em nosso entendimento, essa forma de apagamento visa a diminuir o valor social da Língua de Sinais, de forma a norma(t)izar esse sujeito surdo à sociedade oral, escritora de línguas orais. Ou, talvez, falte a esses pesquisadores acesso a informação com relação às várias produções científicas que se debruçam especificamente sobre o estudo do contexto de uso dessa escrita (FINAU, 2006; FLOOD, 2002; GANGEL-VASQUEZ, 1998; SHAIRA, 2007; SILVA, 2009; STUMPF, 2005).

*SignWriting* em cursos de Pós-Graduação, tecendo um comentário geral acerca do conteúdo abordado e das impressões trazidas como resultado do trabalho de ensino. Concluimos o artigo com as “Considerações Finais” almejando que o leitor tenha aproveitado os dados coletados, em prol de pensar uma educação bilíngue pautada na escrita das duas línguas, a língua portuguesa e a Língua de Sinais, tal qual ocorre nas escolas bilíngues, onde as duas línguas são equacionadas de forma igualitária (a Escola Americana de Campinas-SP é um exemplo dessa prática).

Esperamos, no âmbito deste artigo, oferecer uma sugestão viável de implementação de uma escrita funcional – própria para línguas de sinais – que permita ao aluno com surdez compreender integralmente os conteúdos em sua própria língua através de alternativas metodológicas bilíngues/biculturais de ensino-aprendizagem, mostrando ações e intervenções possíveis em seu processo educacional. Essas reflexões decorrem do fato de que já temos um número inicial de pessoas com conhecimento real dessa escrita de língua de sinais<sup>12</sup>.

## 2. O que vem a ser Escrita de sinais?

Não há só uma maneira de se pensar a linguagem. Há várias. [...] há ainda os que propõem outros discursos. Estes últimos são os que percebem que o objeto da ciência também é objeto de desejo. E em torno dele tecem

---

12 Em nível de Pós-Graduação, a Atualize foi pioneira na inserção da Escrita *Signwriting* na grade curricular de um curso voltado ao ensino de Libras; outras deram consecução ao projeto de ensino de uma escrita de língua de sinais: a FACIS de Itu-SP, a UNIANCHIETA, de Jundiá-SP, dentre outras. Já tive oportunidade de ensinar o código para mais de 200 pessoas nesses cursos de formação. Em nível de graduação, em 2010, o curso Letras Libras - da Universidade Federal de Santa Catarina - formou sua primeira turma, com aproximadamente 500 alunos, vindos de diversas regiões do Brasil, facilitando, assim, a difusão do aprendizado desse código escrito.

suas aventuras reflexivas, constituindo-se em cientistas ao mesmo tempo em que instituem as diferentes formas de conhecimento sobre a linguagem. (ORLANDI, 1999, p.66)

O *SignWriting* ou *Sistema Sutton*, ou ainda Escrita de Sinais, como ficou conhecido no Brasil, não foi o único sistema capaz de grafar visemas<sup>13</sup> de uma língua visual-gestual. William C. Stokoe foi o primeiro linguista a realizar um estudo sistemático das línguas de sinais, nos Estados Unidos, na década de 60, quando criou uma escrita extremamente técnica, capaz de descrever essas línguas: o sistema Stokoe, que foi muito utilizado por outros pesquisadores da área da linguística. Através de sua análise escrita da língua visual, ele conseguiu descrever a gramática das línguas de sinais, mostrando que esta forma de comunicação só difere das línguas orais em relação à modalidade, pois, anteriormente, se pensava que as línguas de sinais não fossem línguas naturais (ARMSTRONG e STOKOE, 2000).

O sistema Stokoe é constituído por um conjunto de símbolos e regras de escrita, definidos para representar os diversos aspectos visético-visológicos das línguas de sinais, abrangendo três dos cinco parâmetros gramaticais necessários para a realização de uma palavra em língua de sinais:

---

13 Conforme Barros (2008), quando na modalidade escrita, a língua de sinais deve ser nomeada de modo diferente daquele de uma língua oral, uma vez que possui uma modalidade visual. Sendo assim, seguem definições dessa autora para termos que continuaremos utilizando na pesquisa: **Visograma**: o conjunto de símbolos que representam o recorte do *continuum* visual das LS (seria o equivalente ao alfabeto das línguas orais). **Visema**: passa a ser uma unidade visual de uma LS (ou seja, um sinal). **Visêmico** seria o equivalente ao “fonológico” das línguas orais (*viso* ao invés de *fono*, por conceber que é visual e não oral).

Localização do sinal, configuração de mão e movimento da(s) mão(s). Um exemplo desta escrita seria<sup>14</sup> a Figura 1:

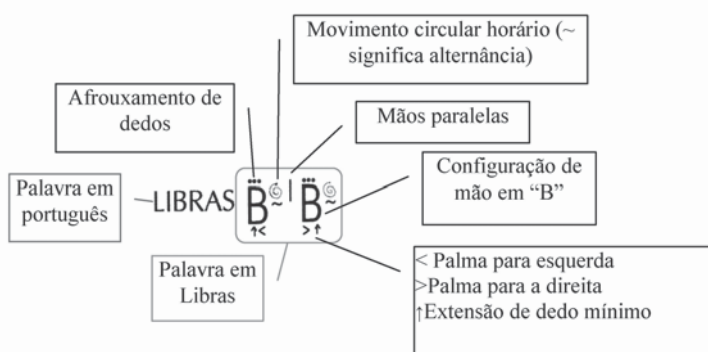


Figura 01 – Exemplo da Escrita Stokoe

O sistema *SignWriting*, em relação ao sistema *Stokoe*, é mais completo, pois agrega outras informações importantes: além da configuração das mãos, do ponto de articulação e dos movimentos existentes, existe ainda a possibilidade de demarcação de velocidade e tensão na hora da realização do sinal; expressões faciais e corporais (indicando inclusive marcações para os olhos, as sobrancelhas, a língua, etc., que são expressões não manuais).

O sistema foi desenvolvido pela norte-americana Valerie Sutton, por volta da década de 70, na Universidade de Copenhague, Dinamarca, quando esta estava grafando balés tradicionais através de um sistema criado por ela para tal finalidade, o *DanceWriting*. Sutton despertou a atenção de pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa da Universidade de Copenhague, que viram naquela escrita uma possi-

14 O sinal foi retirado de: *Guia Prático Para Comunicação Sinalizada*, Aparecida Elmôr e Lilian Serpa, Registro MEC n. 9493 – Edição Artesanal, sendo que a apresentação com as explicações sobre cada parte que compõe a sinalização escrita foi feito pela primeira autora do presente artigo.



bilidade para notação dos sinais utilizados na comunicação/ interação das pessoas que fazem uso desta língua visual. De sistema escrito a mão, passou-se a um sistema possível de ser escrito no computador, com um programa, o *Signwriter*, criado dentro do próprio movimento Sutton para grafia das línguas visuais (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001).

O *SignWriting* entrou no Brasil em 1996, quando a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, através do Professor Doutor Antonio Carlos da Rocha Costa, descobriu a possibilidade de uso desta escrita no computador. Esse professor formou um grupo de trabalho com as professoras Márcia Borba e Marianne Stumpf (que, na época, era doutoranda em Informática na Educação) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE).

Fruto desses estudos iniciados pelo Professor Rocha, em 2004, surgiu um programa mais amistoso desenvolvido por pesquisadores da Universidade Católica de Pelotas – o *SWEdit*<sup>15</sup>, que facilitou o uso para pessoas com pouco conhecimento de informática, uma vez que emprega a plataforma *Windows*. Utilizamos esse programa hoje e o consideramos muito acessível, pois possibilita o uso de gravuras em interface com editores de texto e programas de desenho gráfico. Embora ainda seja uma versão experimental, podemos produzir uma infinidade de materiais em Libras com o auxílio desse *software*.

Segundo Quadros<sup>16</sup>, o *SignWriting* apresenta características de evolução na forma de ser escrito; ela afirma ainda

---

15 Projeto realizado com apoios diversos, do CNPq e da FAPERGS, durante o período 1996-2006 e em estreita ligação com o *Center for Sutton Movement Writing* (<http://www.signwriting.org>). Disponível em: <http://sign-net.ucpel.tche.br/>. Acesso em julho de 2002.

16 Quadros, R. M. Um capítulo da história do *SignWriting*. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>, Acesso em jul. 2002.

que, em maio 1998, discutiu-se a possibilidade de padronização da escrita do mesmo sinal, pois, logo que o sistema surgiu, cada pessoa escrevia da forma como entendia que um determinado sinal deveria ser escrito, ou seja, alguns eram mais detalhistas no traçado, outros mais simplistas. Ela também esclarece que processo semelhante aconteceu com a língua inglesa, quando esta começou a ser escrita. Cada pessoa escrevia a palavra de acordo com o som que ouvia, porém com a grafia que considerasse ser a correta, processo que teve fim com o surgimento da imprensa. Com o estabelecimento de normas referentes à ortografia, passou-se a escrever de forma socialmente convencionada. Segundo Capovilla e Raphael (2001, p. 55), “quando as convenções ortográficas de uma língua já estão consolidadas, o trabalho de leitura e escrita é imensamente facilitado e as ambiguidades são reduzidas”.

Um movimento pioneiro e de suma importância para tornar público este novo sistema no Brasil ocorreu devido à divulgação do *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*, de autoria dos pesquisadores Fernando Cesar Capovilla e Walkíria Duarte Raphael. Essa obra, além das explicações formais sobre o sistema *SignWriting*, apresenta grafia em escrita de sinais para cada termo em português, o que possibilita a reflexão e o exercício desta escrita (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001, p.55). Apresento, a seguir, um exemplo desta escrita para o sinal “Libras” – Figura 02<sup>17</sup>. É possível observar que se comparado ao sinal anterior, na escrita *Stokoe*, a leitura em *signwriting* é mais dinâmica e compatível com a visualidade expressa pelas mãos:

---

17 A escrita do sinal, com a apresentação e as explicações sobre cada parte que compõe a sinalização escrita foi feita pela autora do presente artigo.

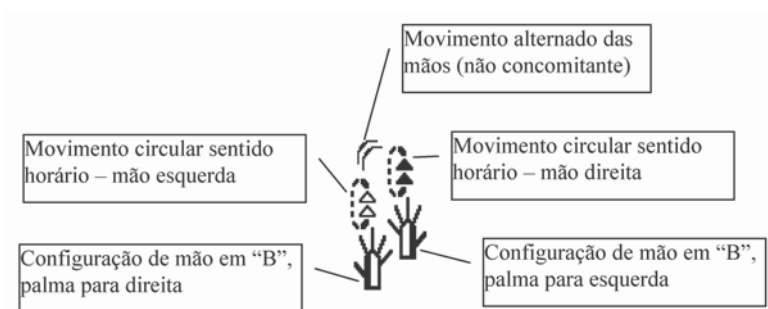


Figura 02- Exemplo de escrita *SignWriting*

Ao contrário da ilustração analógica (receptiva), a escrita *SignWriting* é feita a partir do ponto de vista do sinalizador: na perspectiva expressiva, como se o leitor estivesse atrás do sinalizador, facilitando enormemente a leitura. As expressões faciais também são escritas na perspectiva expressiva – Figura 03<sup>(18)</sup>:

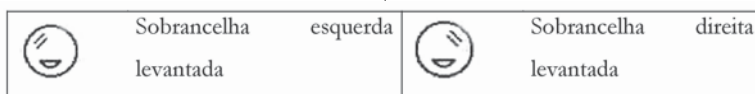


Figura 03 – Perspectiva Expressiva

Os sinais são escritos na vertical, de cima para baixo – Figura 04:

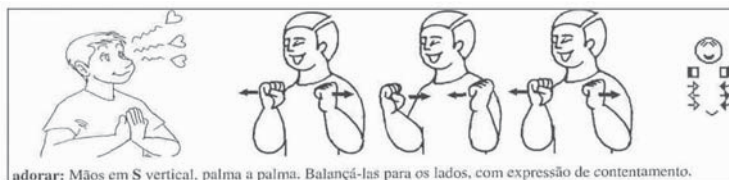


Figura 04 – Escrita vertical

18 Todas as figuras seguintes, do número 03 ao 08, foram retiradas do *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira – Volume 1*.

A forma manual, que é o principal parâmetro para configuração de um sinal, é descrita na Figura 05:

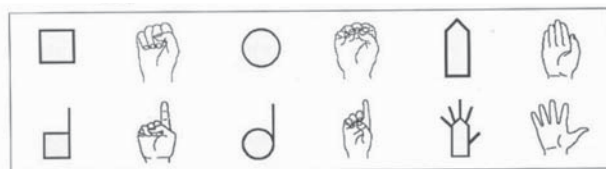


Figura 05 – Formas manuais na Escrita SignWriting

Figura 06 – Orientações da mão e da palma.

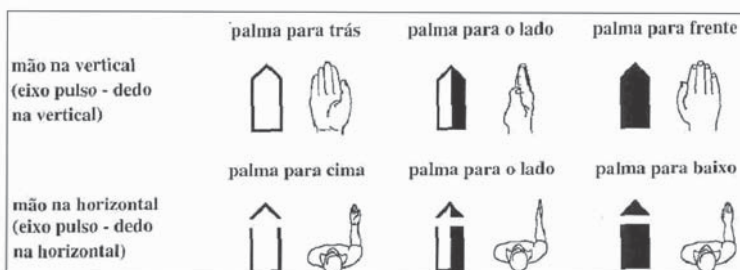


Figura 06 – Orientação da palma nos eixos vertical e horizontal

A expressão fisionômica e a expressão do olhar podem ser descritas em detalhes, através de setas com configuração predeterminada pela idealizadora do sistema. Os pontos de contato auxiliam a determinar o tipo de aproximação em relação ao próprio ponto de contato do corpo – Figura 07:

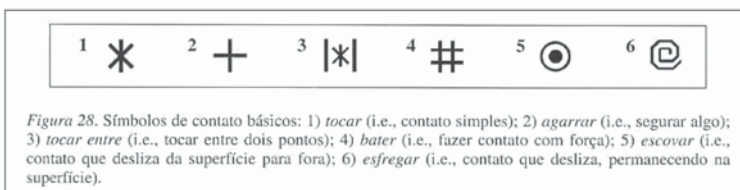


Figura 07 – Símbolos de contato

Eixos imaginários, onde ocorre o movimento, geram todas as setas de direção, baseadas nos parâmetros de horizontalidade (XZ), verticalidade (YZ) e profundidade (XY), ou frontal – Figura 08:

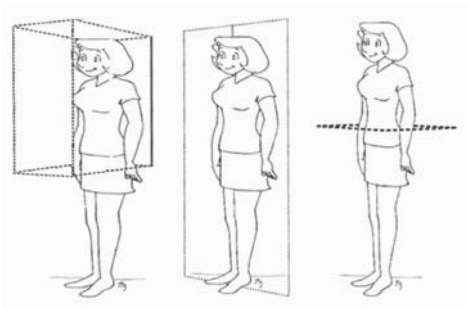


Figura 08 – Eixos imaginários de realização dos movimentos

Este sistema também possibilita a escrita dos numerais e do alfabeto manual (ou datilologia) e possui uma fonte *True type* que pode ser instalada no *Windows* – Figura 09:

Romano	A	B	C Ç	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
SignWriting													
Digital													

Figura 09<sup>(19)</sup>

No trabalho didático com alunos surdos falantes de Libras, pudemos observar um resultado bastante positivo: a coerência e a coesão textual do material escrito produzido por eles em Libras (Escrita de Sinais) não apresenta problemas gramaticais, diferentemente do que ocorre quando escrevem em Língua Portuguesa. Devido ao pouco contato que têm com essa língua oral/auditiva, a coesão e a coerência textual

19 A figura 09 foi feita pela autora do presente artigo.

ficam extremamente prejudicadas. Estudos diversos comprovam essa particularidade (CAPOVILLA e RAPHAEL, 2001; DALLAN, 2009; FERNANDES, 2003; GOLDFELD, 1997; QUADROS, 1997; SACKS, 1998; SILVA, 2001; SILVA e DALLAN, 2003; SOUZA, 1998, entre outros).

### **3. O que se diz sobre a Escrita de Sinais – *SignWriting*?**

Neste tópico, apresentaremos algumas pesquisas que chegaram ao nosso conhecimento através dos estudos que empreendemos, buscando visualizar o crescimento de trabalhos acadêmicos sobre Escrita de Sinais. Portanto, tentamos fazer o levantamento de forma a trazer o maior número possível de autores que se dedicaram a estudar o tema, concentrando nossos esforços na busca de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, embora também tenhamos trazido dois trabalhos de conclusão de curso. Isso não significa que só existam essas pesquisas exemplificadas aqui. No entanto, consideramos que as que serão apontadas por nós neste espaço são um referencial positivo para um início de conversa.

A primeira pesquisa que visou ao ensino e à verificação de aprendizagem da Escrita de Sinais foi realizada por Janice Gangel-Vasquez (GANGEL-VASQUEZ, 1997), na Escuelita de Bluefields, através da escrita da Língua de Sinais Nicaraguense. Sua dissertação demonstra que mesmo aqueles alunos que estavam aprendendo sinais pela primeira vez, conseguiram dominar com facilidade os sinais escritos, o que promoveu a ampliação do léxico em sinais. A autora também concluiu que as evidências sugerem que a realização da “alfabetização em língua de sinais” pode facilitar a aprendizagem da língua oral.

Amy Rosenberg (ROSENBERG, 1999) ressalta a importância dessa Escrita na ampliação dos verbetes em ASL (*American Sign Language*), através de dicionários e outras

publicações, como por exemplo, jornais. Em pesquisa realizada por meio de entrevistas na comunidade surda de seu país, esta pesquisadora pôde coletar as ideias equivocadas que algumas pessoas, surdas e ouvintes, têm a respeito deste tipo de escrita. Ela diz que essas pessoas pretendem, de fato, manter o *status quo* que garante que o processo escolar não sofra mudanças, de modo a evitar que seja instituído um novo sistema (na maioria dos lugares, Língua de Sinais é o veículo de comunicação, mas a escrita é apenas a da Língua oral). A autora considera, ainda, que, em uma abordagem bilíngue/bicultural, o reforço das competências linguísticas na primeira língua, no caso, em sinais, favorece o aprendizado da segunda língua.

Cecilia Mary Flood (FLOOD, 2002), em sua tese de doutorado, afirma que os resultados de sua pesquisa enfatizam a importância de reexaminar modelos bilíngue-biculturais, sugerindo a inclusão do sistema SignWriting, porque este representa a língua natural dos alunos surdos. A autora destaca que pôde perceber características positivas de autonomia nos alunos surdos da escola elementar pesquisada, após a aprendizagem da Escrita em Sinais. Sugere a criação de um contexto no qual os alunos surdos aprendam a ler e escrever em duas línguas, o que promove o desenvolvimento tendo em vista o paradigma educacional bilíngue-bicultural. Nesse sentido, Dallan (2002) também questiona se essa escrita não deveria ser incluída na educação de surdos, dentro de uma perspectiva bilíngue, porque, segundo a autora, através da Escrita de Sinais, “a fluência do conteúdo, a coesão e a coerência do texto são facilitadas, uma vez que a tradução para a segunda língua é feita em uma etapa posterior, em que apenas basicamente a memorização é que atua no processo” (DALLAN, 2002, p. 48).

Rafael Piccin (TORCHELSEN, 2002) produziu um editor para textos em língua de sinais escritos em

*SignWriting*. Seu trabalho consistiu no desenvolvimento de um sistema para auxiliar o usuário surdo na criação de textos em linguagem de sinais, com base no sistema de representação de sinais *SignWriting*. O sistema consiste em um editor chamado *SWEdit* para a criação dos textos propriamente ditos, e da ferramenta *AlfaEdit*, que auxilia na atualização dos conjuntos de símbolos utilizados pelo editor. Ambos foram desenvolvidos especialmente para os surdos, com interfaces que exploram a capacidade de interpretação visual destes, através da utilização de figuras onde normalmente seriam utilizados textos. Trata-se de programa gratuito, cuja interface amigável permite a produção de uma infinidade de materiais no *word*, como mensagens de *e-mail* e outros.

Cristiane Loureiro (LOUREIRO, 2004) investigou o processo de apropriação da escrita da Língua de Sinais e escrita da língua portuguesa. A autora parte do pressuposto de que uma educação bilíngue postula, além da inserção da Libras, também sua escrita, através do *SignWriting*. Ela concentrou seus esforços no aprimoramento de um teclado padrão, transformando-o em suporte para a escrita dos sinais. Através da pesquisa, a autora pôde observar o processo de apropriação tanto da escrita em sinais quanto da escrita em língua portuguesa, através de atividades mediadas por ambientes digitais de aprendizagem. Ela coletou dados muito positivos a respeito das interações dos alunos com a comunicação escrita: em sinais e também em português. A autora relata que observou ter havido a apropriação da escrita dos sinais:

envolvendo a capacidade de criação e reprodução mais significativas tanto na elaboração da comunicação através da Libras (L1) como sua representação escrita seguindo as construções gramaticais envolvidas nos níveis linguísticos, ressaltando a reflexão sobre a complexidade da Libras (LOUREIRO, 2004, p. 137).



A pesquisadora conclui que além de ser uma ferramenta capaz de intermediar o aprendizado da língua portuguesa escrita,

[...] a escrita dos sinais traz, além de benefícios de aumento do vocabulário, conceitualizações (*sic.*), decodificações, favorece a construção textual coerente e ainda estimula a busca de novos conhecimentos via ambientes digitais para leitura e posterior campo de registros utilizando a escrita dos sinais própria dos Surdos (LOUREIRO, 2004, p. 138).

Vinícius Costa de Souza (SOUZA, 2005) criou o SWSservice: uma biblioteca para a escrita da Língua Brasileira de Sinais, baseada em Web Services. Tendo como finalidade possibilitar troca de informações em Língua de Sinais escrita, a conclusão de sua pesquisa trouxe um programa que possibilita à comunidade de desenvolvedores os recursos necessários para disponibilizar a escrita em Libras, através do uso da biblioteca SWSservice. Além disso, o autor destaca que o serviço proporciona total disponibilidade e interoperabilidade através dos recursos implementados na biblioteca, visando a serem reutilizados pela tecnologia de Web Services.

Quanto a Marianne Stumpf (STUMPF, 2005), ela foi precursora no Brasil da pesquisa sobre a Língua de Sinais Escrita. Em sua tese, ela indica que a escrita de língua de sinais, se incorporada à educação das crianças surdas, pode significar um avanço legítimo na consolidação de uma educação bilíngue, bem como na evolução das línguas de sinais. A autora considera que também existe a possibilidade de novas abordagens no ensino da língua oral como segunda língua, através do uso da Escrita *Signwriting* (STUMPF, 2005, p. 14).

Rúbia Medianeira (DENARDI, 2006), motivada pela expansão da Internet e das tecnologias que fazem com que grande número de pessoas busque informação nesse espaço, utilizando-o como meio de ensino e aprendizagem, criou um

animador de gestos aplicado à Língua de Sinais, o AGA-Sign, com o objetivo de auxiliar na prática da escrita de sinais e também na familiarização com a língua. O sistema funciona a partir da Escrita *SignWriting*, porque esta dispõe de expressões faciais e corporais. Possui um tradutor de textos SWML/AgaML, cuja interface torna possível a animação dos sinais, fazendo a tradução de um sinal escrito para um sinal animado, favorecendo o leitor que desconheça a Escrita *SignWriting*.

Já Maria Galea (GALEA, 2006) usa a Escrita de Sinais para fazer um estudo sobre as formas de mão usadas em alguns classificadores na LSM (Língua de Sinais Maltesa), concluindo que a Escrita *SignWriting* é ideal e necessária para escrever as línguas de sinais.

Creice (BARTH, 2008) pesquisou a construção da leitura/escrita em Língua de Sinais por crianças surdas em ambientes digitais. Este estudo teve como objetivos: observar os processos e as estratégias que as crianças surdas utilizam para a construção da escrita/leitura na língua de sinais; analisar a partir de que momento a criança surda começa a interpretar a sua escrita em língua de sinais; verificar quais os benefícios que as crianças surdas desenvolvem ao interagir com seus pares na construção desta escrita, sob mediação, em ambientes digitais. Barth (2008) afirma que as contribuições de sua pesquisa apontam para a necessidade de modificar o olhar sobre as práticas pedagógicas, no que diz respeito à alfabetização de crianças surdas, visando a considerar as diferenças relevantes ressaltadas nessas investigações, no sentido de respeitar a relação sujeito – língua natural – processo de construção da escrita dessa língua.

Mohammad Shaira (SHAIRA, 2007) alerta para os resultados positivos que a disponibilidade de material didático em *SignWriting* pode prover, aumentando a capacidade de aprendizagem e desenvolvimento linguístico. Este

pesquisador considera o *SignWriting* como uma ferramenta de ensino que pode, no mínimo, auxiliar no processo de desenvolvimento escolar do aluno surdo, pois reconhece que a língua de sinais é a língua nativa dos surdos, sendo a língua falada a segunda língua; portanto, o uso da Escrita de Sinais *SignWriting* deve ser incentivado pelas escolas. O resultado de sua pesquisa, realizada com um grupo de alunos surdos de uma 5ª série durante as aulas de ciências, demonstrou que o grau de compreensão do conteúdo e o desempenho durante os testes foi superior no grupo que estudou através da escrita *SignWriting*, se comparado ao do grupo que estudou o mesmo conteúdo em língua escrita baseada na língua oral daquele país (o árabe).

Fábio Irineu da Silva (SILVA, 2009) relata em sua pesquisa que a análise dos resultados do processo de leitura em *Signwriting* demonstrou que, ao ler em *Signwriting*, o leitor fluente é capaz de associar informações já adquiridas a novas informações, além de demonstrar habilidade em acrescentar, interpretar e sintetizar as informações. Concluiu que, com o aprimoramento do sistema *SignWriting* e sua adaptação à realidade brasileira, os surdos terão um novo caminho de acesso ao conhecimento e um novo modo de expressar seu pensamento.

Carla Tatiana (ZAPPE, 2010) teve por objetivo investigar o movimento acerca da Escrita da Língua de Sinais, vista por ela como legitimada na Educação de Surdos em fóruns de discussão em comunidades da rede virtual *Orkut*. Os dados coletados em sua pesquisa levaram a autora a concluir que escrever a Língua de Sinais é entendido como marca cultural surda, ultrapassando o campo das questões de ensino-aprendizagem, mais evidentes numa primeira análise. Ela relata que foram encontradas evidências de marcadores culturais em que os discursos provocam questões que ultrapassam o viés metodológico, remetendo para a importância

de pertencer à cultura surda, potencializando a diferença de se ser um sujeito surdo. A autora afirma que

a Escrita da Língua de Sinais ocupa um “lugar” de marcador cultural, de tradução cultural surda, pois retrata a diferença e experiência de ser surdo no sentido mesmo de disseminador de uma cultura, que se alicerça em conceitos como diferença e de experiência visual. A partir deste estudo, não tem sentido pensar a Escrita da Língua de Sinais só da lógica do ensino da Língua Portuguesa, como, por exemplo, mais um ensino da Língua por si, sem falar nas questões fonéticas do ensino, que nesse caso não têm sentido. (ZAPPE, 2010, p. 62)

Pudemos perceber que a maioria dos autores que estudam a Escrita de Sinais procura mostrar o vínculo necessário entre esta Escrita e a Língua de Sinais, complementando o sentido de uma educação bilíngue. Skliar (1998, p. 11) afirma que a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida. Propõe a divulgação de modelos de educação bilíngue e bicultural, bem como a difusão das concepções sociais, culturais e antropológicas da surdez, em prol da afirmação de um novo olhar educacional sobre esse sujeito (SKLIAR, 1998, p. 8). Para ele, no entanto, são necessários alguns cuidados em relação a determinadas representações de alguns grupos sobre este tipo de educação, para que a Libras não se transforme apenas em ferramenta para aquisição da língua oral. Skliar afirma ainda que “a materialização de uma educação bilíngue para surdos não é apenas uma decisão de natureza técnica, mas deve ser **politicamente construída tanto quanto sócio-linguísticamente justificada**” (SKLIAR, 1999, p. 10, grifos nossos).

Nesse sentido, Lopes (1998) analisa a importância de pensar uma construção de escola pautada no parâmetro linguagem, com estratégias capazes de “ver o sujeito como um instrumento/meio de produção de sentidos, assim como, passe a identificar os diversos mecanismos de poder utiliza-

dos por ela para impor saberes, culturas, valores e identidades” (LOPES, 1998, p.109). Ela propõe um questionamento aos valores seculares do ambiente escolar. Pensa uma escola bilíngue e multicultural, recomendando que “na escola para surdos, embora exista a surdez como fator aglutinante, este não deve ser o único considerado. Em uma turma de crianças surdas, jamais encontraremos sujeitos iguais por serem surdos” (LOPES, 1998, p. 112).

Teske (1998) também se alinha com a perspectiva de Lopes, afirmando que “uma comunidade surda bilíngue-multicultural, prepara os sujeitos a conviverem com duas linguagens e várias culturas” (TESKE, 1998, p. 147). Nesse sentido, Sá (1998) reflete sobre a importância das duas línguas e analisa que a proposta de abordagem educacional bilíngue para a educação de surdos precisa – mais do que considerar a necessidade das duas línguas no espaço educacional – dar **“espaço privilegiado e prioritário à língua natural dos surdos bem como considerar a identidade e a cultura surda como eixo fundamental”** (SÁ, 1998, p. 185 grifos nossos).

Para Skliar (1999), a proposta de uma educação bilíngue para surdos é uma oposição aos discursos e às práticas clínicas e, também, um “reconhecimento político da surdez como diferença” (SKLIAR, 1999, p.7), sendo que o “político” quer dizer uma construção histórica, cultural e social e também “as relações de poder e conhecimento que atravessam e delimitam a proposta e o processo educacional” (SKLIAR, 1999, p. 7). Por se tratar de estar centrada no âmbito educacional, não pode ser neutra nem opaca, embora o autor aponte a “falta de consistência política para entender a educação dos surdos como uma prática de direitos humanos concernentes aos surdos” (SKLIAR, 1999, p. 9).

Sobre a Escrita de Sinais (*Signwriting*), Stumpf afirma que: “Nós, surdos, precisamos de uma escrita que represente

os sinais visuais-espaciais com os quais nos comunicamos, não podemos aprender bem uma escrita que reproduz os sons que não conseguimos ouvir.” (STUMPF, 2002, p. 63).

Para FINAU (2006), há uma forma de bilinguismo que carrega em si uma possibilidade real de inclusão da Escrita de Sinais nas escolas para surdos: o bilinguismo diglótico, “no qual se utiliza a língua de sinais em todas as situações em que a língua materna é usada e o emprego da escrita da segunda língua oral” (FINAU, 2006, p. 230). A autora questiona o mesmo que nós: “se existe um sistema de escrita para a língua de sinais, não seria possível a criança surda aprimorar antes o seu letramento dentro de sua perspectiva linguística para, depois, fazê-lo em uma segunda língua?” (FINAU, 2006, p. 235). Ela afirma que, “se há transferência de um sistema de linguagem para outro, seria mais fácil a compreensão da escrita da oralidade, a partir da escrita da língua de sinais” (FINAU, 2006, p. 235), sugerindo a necessidade de

avaliação do papel da escrita de sinais no letramento das pessoas surdas, pois parece que **ao se negar a existência dessa modalidade linguística, está se negando a possibilidade real de letramento dessas pessoas**, uma vez que elas são impedidas de registrar, elaborar e reelaborar os acontecimentos vividos em suas comunidades a partir de sua identidade. (FINAU, 2006, p. 236, grifos nossos).

Para Finau, para que a escrita de sinais também seja aceita, “são necessárias mudanças **estruturais e ideológicas** com relação ao ensino/aprendizagem por surdos, nas escolas” (FINAU, 2006, p. 237, grifos nossos). Souza complementa essa ideia, ao afirmar que

a alfabetização em Sign Writing se constitui, a meu ver, em uma interessante forma de resistência à medida que, para concretizá-la, um conjunto de novas práticas disciplinares seriam necessárias: desde a formação de professores até a versão de materiais, hoje em português, para essa língua.

E, nesse jogo, obviamente, começaríamos a ter a produção de novos textos também em SW. Essas novas práticas poderiam gerar novos saberes, sobre a Libras, por exemplo, que a reforçariam. A escola teria que rever sua ideologia sobre a surdez e o surdo. (SOUZA, 2002, p. 142)

Embora não defendam especificamente a Escrita *SignWriting*, Lodi, Harrison e Campos (2002) também refletem sobre a importância da escrita de uma língua, apontando que “a imersão social dos surdos e a ausência de registro escrito da língua de sinais acabam sendo fatores que **dificultam o processo de resistência pela língua**” (FINAU, 2006, p. 238). Outros autores, também comentam a existência e reforçam o direito a uma Escrita de Sinais, especificamente o *SignWriting*: Avelar (2009, p. 380); Campello (2007, p. 129); Leite e McCleary (2009, p. 254); Machado (2006, p. 221); Marques (2007, p. 139); Perlin (2007, p. 11); Quadros, Cerny e Pereira (2008, p. 47-48); Silveira (2007, p. 158-159, 170); Silveira e Resende (2008, p. 73); Souza (2009, p. 209); Stumpf (2009, p. 427-430).

Em nosso ponto de vista, a escola necessita refletir sobre todos esses aspectos para que consiga desenvolver adequadamente sua função enquanto difusora intrínseca de conhecimento e participe na convivência social e cultural dos que ocupam seu espaço singular.

#### 4. Ensino da Escrita de Sinais para Ouvintes<sup>20</sup>.

Nossa experiência de ensino na Pós-Graduação teve início em 2007 e acontece até hoje nos seguintes moldes: a) curso com 10 horas de duração (um sábado: manhã e tarde); b) curso com 15 horas (três encontros, semanais ou quinzenais, de cinco horas-aula cada); c) curso com 30 horas (três

---

20 Muitos dos materiais usados no curso estão disponíveis para o público interessado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.escritadesinais.com.br>.

encontros – consecutivos ou intercalados – de dez horas de duração cada). O curso contempla a presença de até vinte alunos, mas a experiência prática nos capacita a dizer que o número ideal é de até quinze, principalmente no curso que tem apenas dez horas de duração.

O curso com dez horas de duração (excessivamente condensado) permite apenas que seja abordado: a) um panorama geral sobre escrita e sua importância na sociedade em geral; b) grafia básica de algumas configurações de mão; c) funcionamento das setas de direção e movimento; d) expressões corporais e faciais; e) pontos de contato; f) datilologia; g) tradução da escrita de sinais para o português; h) noção básica da Escrita de Sinais no computador, através do programa *SWEdit* (TORCHELSEN, 2002); i) possibilidades de uso do manual *Lições sobre o SignWriting*<sup>21</sup>. Trazemos também atividades práticas de fixação da Escrita *Signwriting*, dentro desse curto período: uma atividade de transcrição usando a datilologia, uma atividade de escrita de configuração de mão, *Jogo Veritek*<sup>22</sup> para fixação dos conteúdos apresentados, escrita do sinal pessoal – no papel e no computador. Este módulo já foi ministrado em Atibaia/SP (duas vezes), Campinas/SP (três vezes), Jundiaí/SP, Itu/SP, Santos/SP, São José dos Campos/SP (três vezes) e Sorocaba/SP.

Quando existe a possibilidade de o curso ter quinze horas de duração, como foi o caso de Jundiaí, o tempo permite que agreguemos um maior número de informações sobre a Escrita de Sinais e permite que o conteúdo seja mais bem explorado. Acrescentamos nesse curso mais duas atividades práticas: jogo da memória (de configuração de mão) e sugestões para produção de materiais didáticos em Escrita de Sinais.

21 <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>.

22 Ver detalhes do jogo em: <http://www.escritadesinais.com.br>.



Nossa melhor experiência de ensino foi na cidade de Itu<sup>23</sup>, em um curso de Pós-Graduação em Educação de Surdos pela FACIS<sup>24</sup>, cujo módulo de Escrita *Signwriting* teve 30 horas de duração, em uma turma de apenas oito alunos, fluentes em Libras, em fase final de conclusão do curso. Nessa turma, além dos conteúdos abordados nos dois formatos anteriores, foi possível realizar a tradução de nove livros que foram originalmente escritos em língua portuguesa, os quais foram traduzidos para a Libras e, posteriormente, escritos em *SignWriting: O homem que amava caixas*<sup>25</sup>.

Embora o espaço do artigo não permita que nos alonguemos, a metodologia de trabalho merece ser mais bem explicitada. No primeiro dia do curso foi possível apresentar todo o conteúdo de um módulo de dez horas, com tempo suficiente para que os alunos tirassem suas dúvidas e se sentissem seguros em relação ao sistema. Combinamos que na aula seguinte (que ocorreria dentro de quinze dias), todos trariam *notebook* para que pudéssemos desenvolver melhor a grafia dos sinais. Outro combinado foi que a turma faria uma revisão do conteúdo estudado, visando à melhor fixação.

Na aula seguinte, após uma rápida revisão, tanto através de *slides* quanto através de jogos, apresentei para os alunos o livro *O homem que amava caixas* de Stephen Michael King, dividindo o conteúdo escrito em oito partes, uma para cada aluno; a função de cada um era traduzir da língua portuguesa para a Libras, cada sinal sendo grafado em *Signwriting* no dicionário do programa SWEdit, visando

---

23 FACIS de Itu, o curso ocorreu no espaço “Pro-Arte”.

24 Faculdade de Ciências da Saúde.

25 Autor: Stephen Michael King. A tradução do texto para a Libras ocorreu de forma coletiva. Esclarecemos que a Brinque-Book lançou o livro em vídeo na versão em Libras, porém, só tomamos conhecimento após o término de nosso trabalho. Portanto, a versão produzida pelos alunos da FACIS não tem vínculo com essa da Brinque-Book.

à produção do livro na Escrita da Libras (Figura 10). Após a tradução individual para a Libras, cada aluno apresentou sua versão, visando a uma apreciação crítica por parte do grupo. Após a aprovação de cada versão, cada aluno passou a traduzir para a Escrita de Sinais o seu trecho. O exemplo seguinte (Figura 10) mostra os verbetes: *mas, homem, preocupar, saber, agora, conhecer, jeito, especial, amor, pai-olhar-filho, amor, filho-olhar-pai* (no original: “Mas nada disso preocupava o homem, porque ele sabia que tinham encontrado uma maneira especial de compartilharem o amor de um pelo outro” (KING, 1997).

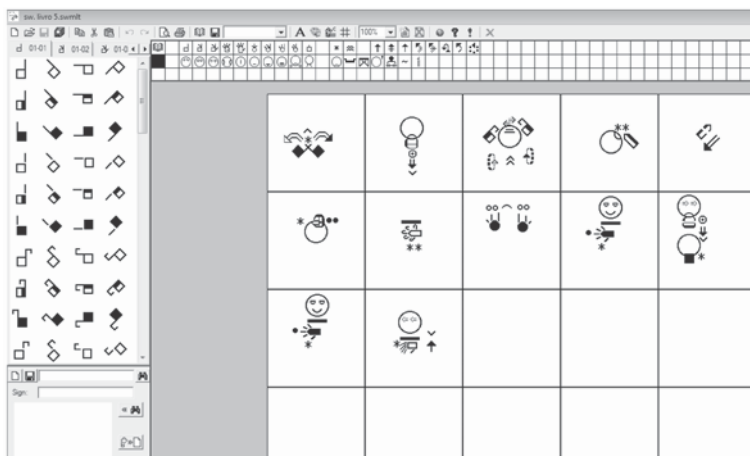


Figura 10 – Janela de escrita dos sinais no programa SWEdit

Através dessa experiência de tradução coletiva de um livro, tivemos oportunidade de discutir sobre a gramática da Libras e a questão da tradução do português para a Libras, mas, fundamentalmente, de descobrir a possibilidade de traduzir outros livros de vários gêneros. Os alunos ficaram tão empolgados, que cada um levou um livro para casa (eu havia selecionado vários para trazer para a aula), visando a fazer a tradução através de um vídeo, em Libras, para pos-

terior tradução para a Escrita de Sinais. Quinze dias depois, além da discussão da tradução dos livros, ainda houve tempo para que eu ensinasse a confeccionar um jogo pedagógico de que eles gostaram bastante: Veritek<sup>26</sup>. Como projeto, pretendemos montar um grupo de estudo de tradução em Escrita *Signwriting* para que outras obras sejam traduzidas para a Libras escrita.

Como finalização dessas experiências de ensino, percebemos que os alunos puderam desmistificar a ideia de que a Escrita *SignWriting* é “impossível” de ser aprendida, ou ainda “muito difícil”, “só para surdo”. A ideia de grafar os verbetes através de dicionários encanta a maioria dos alunos, que veem nessa possibilidade uma forma de ampliar seu próprio conhecimento em sinais. Mas o grande avanço que tenho percebido é que a maioria dos alunos afirma que, ao conseguir aprender o código, visualiza possibilidades de uso da escrita através de programas bilíngues, em que cada língua – língua portuguesa ou Libras – tenha seu próprio espaço, sua própria expressão escrita.

## 5. Considerações Finais

A aquisição da escrita em língua de sinais pode favorecer o aluno surdo falante de Língua de Sinais na aquisição de novos mecanismos para abstrair e teorizar sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações, socialmente. Outra vantagem da escrita de sinais é que esta pode ajudar as pessoas não surdas a aprenderem mais facilmente a Língua de Sinais, pois possibilita a grafia do sinal, o que vem a facilitar a organização de um material de consulta posterior.

---

26 Materiais disponíveis no site: <http://www.escritadesinais.com.br>.

O sistema escrito também propicia a ampliação e a divulgação do léxico desta língua, pois permite maior avanço no registro de termos científicos e tecnológicos. A representação gráfica de uma língua que era considerada ágrafa até pouco tempo auxilia o processo de desenvolvimento e expansão desta, uma vez que abre oportunidades variadas em seus aspectos discursivos e/ou modalidades de uso: um sistema escrito compatível com uma língua visual-gestual possibilita aos usuários constituírem-se como sujeitos letrados, permitindo o desenvolvimento da consciência linguística dos usuários desta e auxiliando na produção de sentidos que o escritor e o leitor tecem sobre os efeitos discursivos inclusos nos textos produzidos.

O aprendizado de uma língua visual escrita permite ao aluno surdo falante de Libras uma possibilidade ainda maior de trocas simbólicas, exercitando e provocando ainda mais a capacidade representativa dessas pessoas, organizando e sistematizando coordenações mentais cada vez mais elaboradas, já que a escrita é em sua própria língua. A língua de sinais, no contexto da surdez, atua inicialmente enquanto meio organizador do pensamento e, conseqüentemente, das interações comunicativas. A proposta de grafia da Libras no sistema *SignWriting* vem completar o processo educacional do aluno surdo falante de Libras, em uma proposta que visa à ampliação de seu conhecimento do mundo, possibilitando o uso de materiais escritos em sua própria língua, através de materiais didáticos visando a esse fim.

Nossa experiência de ensino, tanto com alunos surdos quanto com ouvintes, tem retornado como muito produtiva, indicando possibilidades para o surgimento de novos horizontes de aplicação desta escrita. Sugerimos que outros profissionais interessados em Língua de Sinais e em sua escrita se unam aos nossos esforços, no sentido de reconhecer que uma escrita em sinais pode favorecer a implantação de uma educação efetivamente bilíngue/bicultural.

## 6. Obras Consultadas:

ARMSTRONG, D. F.; Stokoe Jr, William C. — **Founder of Sign Language Linguistics**. Washington, DC: Gallaudet University, May 4, 2000. Disponível em: <http://gupress.gallaudet.edu/stokoe.html>. Acesso em: jul. 2008.

AVELAR, T.F. **Entrevista com tradutores surdos do curso de Letras Libras da UFSC: discussões teóricas e práticas sobre a padronização linguística na tradução da Língua de Sinais**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

BARTH, C. **Construção da leitura/escrita em Língua de Sinais de crianças surdas em ambientes digitais**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **La literacidad entendida como pratica social**. In: ZAVALA, V.; NIÑO-MURCIA, M.; AMES, P. (Ed.). Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima, Peru: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004.

BRITO, L.F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CAMPELLO, A.R.S. **Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2001. v.1 e v. 2.

CUNHA, P.M.A. **Cenas do atendimento especial numa escola bilíngue: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber/poder**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

DALCIN, G. **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

DALLAN, M.S.S. **Educação de jovens e adultos:** estudo sobre o processo de aquisição do português escrito por alunos surdos. Monografia do Curso de Licenciatura em Pedagogia — Formação de Professores em Educação Especial, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Signwriting: escrita visual para Línguas de Sinais** – O processo de sinalização escrita II. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE SURDEZ, 22 e 23 de maio de 2009, Centro Tecnológico de Eventos. São José dos Campos: Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo, 2009. Disponível em: <[http://www.escritadesinais.com.br/artigos\\_10.html](http://www.escritadesinais.com.br/artigos_10.html)>. Acesso em:

\_\_\_\_\_. **Análise discursiva dos estudos surdos em educação:** a questão da escrita de sinais. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba-SP, 2012.

DECHANDT, S.B. **A apropriação da escrita por crianças surdas.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

DENARDI, Rúbia Medianeira. **AGA-Sign: Animador de Gestos aplicado a Língua de Sinais.** Dissertação de Mestrado. UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

FARIA, S.P. **Ao pé da letra, não! Mitos que permeiam o ensino da leitura para surdos.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

FINAU, R. Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

FLOOD, C. M. **How do deaf and hard of hearing students experience learning to write using SignWriting, a way to read and write signs?** - Doctoral Degree Thesis. Long Island University: December, 2002.

GALEA, M. **Classifier constructions in Maltese Sign language (LSM): an analysis.** Dissertation – Masters of Arts – M. A. – in Linguistics. Malta: University of Malta, 2006.

GANGEL-VASQUEZ, J. **Literacy in Nicaraguan Sign language:** Assessing “Written Sign” Recognition Skills at the Escuelita de Bluefields. Master’s Degree Thesis. Dominguez Hills, California State University, 1997.

GESUELI, Zilda Maria. **A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais.** Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, 1998.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e Educação.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção educação contemporânea).

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

KING, S.M. **O homem que amava caixas.** 2. ed. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 1995. (Coleção letramento, Educação e sociedade).

LEITE, T.A.; MCCLEARY, L. **Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

LODI, A.C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. **Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades**

**dentro do contexto educacional.** In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. (Org.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LOPES, M.C. **Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOUREIRO, C.B.C.L. **Processo de apropriação da escrita da Língua de Sinais e escrita da língua portuguesa:** informática na educação de surdos. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MACHADO, P.C. **Integração/inclusão escolar:** um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2006.

MARQUES, R.R. **Educação de Jovens e Adultos:** um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

MASCIA, M.A.A. **Investigações discursivas na pós-modernidade:** uma análise das relações de poder-saber do discurso político educacional de língua estrangeira. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

MIORANDO, M. Formação de professores surdos: mais professores para a escola sonhada. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis, R.J.: Arara Azul, 2006.

ORLANDI, E. P. **O que é linguística.** 12. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção primeiros passos).

PERLIN, G. **Prefácio: Nós surdos somos...** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

QUADROS, R. M. Um capítulo da história do SignWriting. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>. Acesso em: jul. 2002.



QUADROS, R. M.; CERNY, R.Z.; PEREIRA, A.T.C. **Inclusão de surdos no Ensino Superior por meio da Tecnologia.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos III. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROJO, R. **Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso?** In: SIGNORINI, I. (Org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção ideias sobre linguagem).

\_\_\_\_\_. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSENBERG, A. **Writing Signed Languages in Support of Adopting an ASL Writing System.** Master's Degree Thesis. Department of Linguistics. University of Virginia, 1999.

SÁ, N.R.L. **Discurso surdo: a escuta dos sinais.** In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHAIRA, M.I.M.A. **The Effect of SignWriting on the Achievement and Acquisition of Vocabulary by Deaf Students at “Al-Amal School for the Deaf” in the City of Amman-Jordan.** Doctoral Degree Thesis. Amman-Jordan: Jordan University, may, 2007.

SILVA, F. I. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting.** Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Educação e Processos Inclusivos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, I.; DALLAN, M.S.S. **Letramento e surdez: ainda muitas questões.** In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14., 2003, Campinas. Anais ... Campinas: UNICAMP, 2003. v. 1, p.

171-171. Mesa-redonda: Diferentes possibilidades de letramento do indivíduo surdo e do deficiente visual no processo de inserção social. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoesanteriores/anais14/Cinda.html>. Acesso em:

SILVA, M.P.M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.

SILVEIRA, C.H. **O currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, cultura e identidade surda**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

\_\_\_\_\_; REZENDE, P.L.F. **Os discursos sobre a educação de surdos na Revista Nova Escola**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos III. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 1 e v. 2.

SOUZA, R.M. **Que palavra que te falta? Linguística e Educação: considerações epistemológicas a partir da surdez**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação de surdos e questão de norma**. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. (Org.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SOUZA, S. X. **Traduzibilidade poética na interface Libras – português: aspectos linguísticos e tradutórios com base em “Bandeira Brasileira” de Pimenta (1999)**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

SOUZA, V.C. **SWSservice: uma biblioteca para a escrita da Língua Brasileira de Sinais baseada em Web Services**. Dissertação (Mestrado) — Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em

Computação Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

STUMPF, M.R. **Transcrições de língua de sinais brasileira em signwriting.** In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting:** línguas de sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. **A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

TESKE, O. **A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças:** o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

TORCHELSEN, R.P. **Editor para Textos em Língua de Sinais Escritos em SignWriting.** Trabalho de Conclusão de Curso — Ciência da Computação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

VIEIRA-MACHADO, L. M. C. **Narrar e pensar as narrativas surdas capixabas:** o outro surdo no processo de pensar uma pedagogia. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos surdos III. Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2008.

ZAPPE, C.T. **Escrita da língua de sinais em comunidades do ORKUT:** marcador cultural na educação de surdos. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria 2010.

